

RECENSÃO / BOOK REVISION

Mas afinal o que têm a dizer Illich, Freire e Guevara?

Andrés Donoso Romo (2020). *A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o Pensamento Latino-Americano*. Editora da Universidade de São Paulo.

Eunice Macedo*

CIIE – Centro de Investigação e Intervenção Educativas, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Com o título *A Educação Emancipatória: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara e o Pensamento Latino-Americano*, a Universidade de São Paulo apresenta-nos, em 2020, a tradução do original em espanhol *La Educación en las Luchas Revolucionárias: Iván Illich, Paulo Freire, Ernesto Guevara y el Pensamiento Latinoamericano*, texto publicado no Chile, em 2018, com autoria de Andrés Donoso Romo. Um livro que desafia à rebelião e se constitui, em si, como ato de resistência contra o silenciamento e pela afirmação da voz – das vozes – dos povos latino americanos. Sendo que os esforços de resistência latino americana se debatem com a reação dos Estados Unidos, dar visibilidade a esta problemática é particularmente premente quando

na América Latina grassam níveis terríveis de pobreza e desigualdades extremas, alguns dos piores do

mundo (...) [e] uma quantidade enorme de riqueza (...) está muitíssimo concentrada numa elite pequena – regra geral europeizada, frequentemente branca – e coexiste ao lado de uma pobreza e miséria descomulgada. (Chomsky, 2014, p. 14)

Inserindo-se no movimento de resistência, esta recensão acentua aspetos da obra particularmente apelativos, na sua intencionalidade, buscando contribuir para o interesse na afirmação das vozes dos povos latino americanos, ainda em busca de lugar.

É a preocupação com a educação e transformação social no contexto latino americano que constitui o eixo condutor do trabalho apresentado, o qual busca compreender “por que não podem os sistemas escolares contribuir para a justiça social?” e “qual seria o papel da educação nos processos de resistência/libertação promovidos pelos setores populares?” (Donoso

* **Correspondência:** eunice@fpce.up.pt

Romo, 2020, p. 68). Tomando como inquietação constrangimentos impostos por condições de ditadura, guerra e políticas neoliberais, como a privatização da educação, que informam (e enfermam) o medo de agir na construção de sociedades mais justas, que desigam por *mais humanamente humanas*, o autor abre caminho ao debate do poder da educação, enquanto veículo de uma transformação social libertadora amiga-dos-povos-latino-americanos.

De forma ousada, que estimula a curiosidade, o livro relaciona três *pensadores da América Latina*, cujas linhas de reflexão são vistas como representantes do pensamento latino americano. O autor justifica esta representação como atinente a considerações intelectuais construídas *com* a experiência e que informam a própria experiência, numa relação indissociável que emerge da imersão na *geografia cultural, econômica e política* latino americana; uma ideia de representação que parece, apesar de tudo, um pouco questionável. O austríaco-mexicano Iván Illich, o brasileiro Paulo Freire e o argentino-cubano Ernesto Guevara são unidos, pelo autor, na defesa da reflexão sistemática no horizonte de *sociedades solidárias, livres e igualitárias*, reconhecendo-se à educação o lugar de *denunciar*, e de *anunciar* novas possibilidades.

Três partes complementares começam por situar tensões que afetam a América Latina. Partindo de um ponto de vista histórico, do final do séc. XIX aos anos 80 do séc. XX, o autor ilumina grandes temas que subjazem ao debate intelectual nessa região. Dá-se relevo às transformações sociais e econômicas, no marco da industrialização, sob o argumento de que as vidas dos povos originários se iam transformando no cadinho político, cultural e social das suas vidas, confrontando-as com *situações-limite de opressão*. Estas eram corporizadas numa cadeia complexa de violência rural e miséria, e uma construção idílica da vida nas cidades, resultante em desemprego e *des-socialização*. Ganhavam corpo, também, na tensão entre novas resistências e um nacionalismo crescente, reprodutor

do pensamento dominante, num tempo de busca de consolidação pelos estados, em que uma vocação empresarialista se vinha associar à regulação, promoção e fiscalização da economia. É no final do período em análise que os povos latino americanos encontram formas de resistência mais efetiva a uma dita cooperação internacional que mais não parece fazer do que colaborar para a exploração dos elos da população em situação de maior vulnerabilidade. Constrói-se, então, a *idade do ouro da economia latino-americana*, não obstante os períodos de instabilidade política e social.

No traçar, pela intelectualidade latino americana, de cenários e horizontes de desenvolvimento mais ou menos conflituais no seu contexto, identifico similitudes com o modelo dominante de desenvolvimento no contexto europeu. Como é sabido, tendo o conceito de desenvolvimento predominado no pós-Segunda Guerra Mundial, em busca de paz e na tentativa de *orientar as jovens nações*, obedecendo a lógicas eurocêntricas, antropocêntricas e economicistas, construiu-se na oposição entre países 'ditos' desenvolvidos e subdesenvolvidos, sendo erroneamente legitimado em relações de dominação/subordinação entre países (Amaro, 2017). No contexto latino-americano, como refere Donoso Romo (2020), sob influência norte americana, o mesmo conceito foi objeto de disputa e afirmação intelectual, numa tensão de difícil resolução entre uma corrente de pensamento suportada na visão economicista de desenvolvimento, também presente na visão europeia dominante, e uma visão *outra* de empoderamento e valorização da diversidade cultural. Esta tensão parece ainda aquém de resolvida, no tempo atual, e nos mais diversos contextos, não lhe sendo alheias ideias de reformismo, modernização e outras afins. Destaco neste debate o lugar reconhecido pelo autor à teologia da libertação como parte de um movimento contra-hegemónico em que o conceito de desenvolvimento parece corporizar-se como *humanização*.

É interessante lembrar o que tem sido designado 'Siglo de Oro' da América Latina, em que, numa linha distinta do 'Siglo de Oro' espanhol, o desenvolvimento diz mais respeito à afirmação da cultura e história, num movimento de rutura com o modelo europeu e americano. Já há várias décadas, a reflexão de Pablo Neruda, pensador, poeta e diplomata chileno, à vida literária latino-americana parece clarificar alguns dos contornos que essa rutura deveria assumir. De forma preocupante, o olhar do autor acerca da herança espanhola sublinha a prevalência de modos de *ser e estar* em que sobressaem fortes desigualdades sociais.

Os pequenos rancores exacerbam-se (...). A inveja chega por vezes a ser uma profissão. Diz-se que herdámos este sentimento da decrepita Espanha colonial. A verdade é que (...) encontramos com frequência as feridas que mutuamente se causaram. Apesar do seu fabuloso esplendor intelectual, o 'Siglo de Oro' foi uma época infeliz, com a fome a rondar os palácios. (Neruda, 1976, p. 280)

No campo mais marcadamente educativo, é de dar ênfase à exploração por Donoso Romo (2020) do período entre 1950 e 1980, que este considera o mais profícuo na educação na América Latina. Nesse período, o forte aumento da cobertura educacional surge sob a égide de um forte crescimento económico, demográfico e de urbanização, apesar de largos grupos da população continuarem a ser empurrados para as margens do sistema. Visões opostas sobre a educação e o desejo de alfabetização dos povos vão sendo afirmadas, sem que a isso pareça corresponder uma opção política clara. Nas palavras de Noam Chomsky (2014), existe conflito entre a preocupação com a escola pública, baseada em princípios de solidariedade, e outras modalidades educativas ligadas à privatização, as quais põem em causa os princípios anteriores. A reflexão de Donoso Romo (2020) quanto à proximidade entre educação não formal e educação popular

torna atinente questioná-las na sua intencionalidade, num enquadramento solidário: a primeira, ligada ao estado e mais preocupada com a cobertura nacional, e a segunda focada nos setores populares, sendo o robustecimento da educação popular oriundo de setores distintos. De forma relevante para este debate, o pensador mexicano Carlos Nuñez (1998) descreve a educação popular a partir das particularidades do contexto latino americano, referindo que esta

combina e relaciona o compromisso ético de caráter substantivo, com uma posição e compromisso político ao serviço das grandes maiorias para encarar a resolução dos seus problemas e – como um terceiro elemento deste triângulo – o tema fundamental da coerência entre dizer e fazer (...) a sua proposta metodológica. (p. 30)

Segundo Donoso Romo (2020), se se afirmam quadros de governação preocupados com questões de justiça social, traçam também fileiras linhas de pensamento focadas na libertação dos povos que resistem a modos de governação autoritária, fazendo a asserção da educação popular enquanto lugar de resistência. Um tema acutilante em que se destacam visões conflituais. É no interior deste debate que, como alerta o autor, se passa do otimismo ao pessimismo pedagógico, acentuando-se, também a um nível mais global, a preocupação sociológica com a educação enquanto instrumento de reprodução social, a que dá visibilidade a teoria crítica.

Mas afinal *o que têm a dizer Illich, Freire e Guevara?* parece ser a questão proposta por Andrés Donoso Romo na segunda parte da obra. Acentua pontos fractais das propostas concetuais destas personalidades, na diversidade dos seus modos de vida, concepções, origens e histórias – nas suas vozes (Macedo, 2018). Esta estratégia de (re)conhecimento reforça a interpeleção indissociável entre a complexidade das vidas e das propostas destes pensadores em prol da liberta-

ção humana, bem como acentua a urgência do compromisso entre educação e transformação social. Uma díade profundamente articulada com a concepção de desenvolvimento que informa (e muitas vezes enferma) a vida social.

Se estes pensadores estão unidos nestas preocupações, as suas abordagens apresentam eixos distintivos, que procuro agora acentuar, a partir da visão de Donoso Romo. No caso de Iván Illich, é a sua imersão na *geografia humana e intelectual latino americana* que estimula uma visão de desescolarização que prevaleceu em determinados *círculos intelectuais*. Desocultando o poder de domesticação da escola obrigatória, apoiada em *mitos, ritos e dogmas* associados à construção de consumidores e à competitividade, Illich recusa a reforma da escola e a sua obrigatoriedade, desafiando à rebelião pela revolução cultural. A abordagem illichiana, *construída no eixo opressão-libertação*, diferencia escola, escola obrigatória e educação, recusando a escola enquanto único lócus da educação. Sendo todos os grupos vistos enquanto opressores e oprimidos, e não em termos de desigualdade intergrupala, Illich não reconhece uma *finalidade progressista à escolarização*, mas aponta para uma rede educacional que não seria *controlada e coerente*, mas antes construída a partir das pessoas, argumento último em que parece aproximar-se de Freire.

Já Paulo Freire, como pensador que vai além das teorias de reprodução para formular uma visão de possibilidade de produção cultural e social através da educação (Macedo et al., 2013), permite enfatizar contributos da educação popular na luta contra a opressão e em favor da libertação dos povos (Donoso Romo, 2020). Se a construção do pensamento freiriano¹ se insere nas lutas latino americanas pela liber-

tação, emerge também da sua construção enquanto sujeito alfabetizado, na 1.ª infância e no contexto familiar, e da sua imersão latino americana, sendo que produziu no Chile duas das suas principais obras; uma *escrita militante*, num ideário próximo da intelectualidade de esquerda da América Latina. Paulo Freire argumenta que a educação reproduz a estrutura política e económica dominante da sociedade e, nessa medida, só numa sociedade orientada por princípios libertadores a escola poderia exercer uma função também libertadora. Este pressuposto leva-o ao abandono de manuais e livros atinentes à formalização escolar para construir conhecimento *a partir das e com* as pessoas, um trabalho resultante de planeamento e reflexão cuidada, com uma intencionalidade política de tomada de consciência da dominação para a transformação do mundo.

Como a leitura de Donoso Romo (2020) permite sublinhar, é também distinto o ponto de partida (e o percurso) de Ernesto Guevara, o qual constrói o seu pensamento sobre educação e a sua transversalidade na construção de processos revolucionários, na linha de muitos pensadores revolucionários da América Latina. A leitura, a escrita e as viagens instituem a aprendizagem deste pensador, alfabetizado pela mãe e rodeado de livros que, tendo desenvolvido um percurso académico em instituições de destaque, procurou transcender as aprendizagens formais, construindo um pensamento próprio, como autodidata, na *Universidade da Vida*. É a consciência da miséria nos países ditos subdesenvolvidos, dos interesses subjacentes a esse subdesenvolvimento e do seu lugar junto dos oprimidos que orientam o seu empenho na luta pela libertação, num percurso marcado pela violência e pela guerra, por ditaduras e pela resistência. Guevara *opta*

¹ Como freiriana, desvio-me da perspectiva de Donoso Romo que associa a comunidade freiriana, ou movimento freiriano, como tenho vindo a designar, a uma forma de seguidismo que contrariaria as próprias intenções de Freire. Ser 'freiriano' ou 'freiriana' implica ganhar força e inspiração no pensamento profícuo deste pensador para (re)criar formas outras de intervenção no e com o mundo, e não a reprodução do seu ideário.

pela via armada, acreditando que acarretaria menores perdas em vidas humanas do que o *pacifismo ingênuo*. Na guerrilha e em diálogo com camponeses, na luta pela libertação e na consolidação dos processos revolucionários, cabe à educação a formação de um pensamento revolucionário e um lugar no desenvolvimento económico, como meio para a dignificação humana.

Realçando, neste livro, tensões históricas, políticas, sociais e culturais, por meio da vida e obra destes três pensadores, Andrés Domoso Romo sublinha especificidades e divergências conceituais, na visão de mundo e de sujeito, de desenvolvimento, de escola e de educação, como conceitos em contexto, lembrando a relevância do debate sobre educação. Desafia-nos a pensar e a posicionarmo-nos politicamente, num tempo e contexto histórico, hoje mais global, em que não parecem resolvidas, nem próximo de resolver, questões cruciais a um desenvolvimento humano amigo-dos-povos-latino-americanos e de outros grupos em condições de subordinação. Num mundo pautado pela diversidade, se há que complexificar os sentidos que hoje *opressão*, *libertação* e desenvolvimento podem assumir, mais ainda há que reforçar o nosso lugar enquanto sociedades e pessoas engajadas na transformação social – utopia do realizável, que nos lembra Freire.

Estimulada pelo debate proposto por Domoso Romo (2020) e implicada no compromisso com uma transformação social em que a educação também tem lugar, termino, lembrando as palavras do cineasta argentino Fernando Birri, no texto do escritor e jornalista uruguaio, antiamericanista e anticapitalista, um dos expoentes máximos da literatura latino-americana do séc. XX, Eduardo Galeano (1994),

¿Para qué sirve la utopía?

... Yo también,
me lo pregunto siempre.

Porque ella
está en el horizonte.

Y si yo camino

dos pasos,

ella se aleja

dos pasos.

Y si yo me acerco

diez pasos,

ella se coloca

diez pasos más allá.

¿entonces para qué sirve la utopía?

Para eso sirve,

para caminar.

Referências bibliográficas

- Amaro, Rogério (2017). Desenvolvimento ou pós-desenvolvimento? Des-envolvimento e... noflay! *Cadernos de Estudos Africanos*, 34. <http://dx.doi.org/10.4000/cea.2335>
- Chomsky, Noam (2014). *Mudar o mundo*. Bertrand.
- Galeano, Eduardo (1994). *Las palabras andantes?* Siglo XXI Editores.
- Macedo, Eunice (2018). *Vozes jovens entre experiência e desejo: Cidadania educacional e outras construções*. Edições Afrontamento.
- Macedo, Eunice, Vasconcelos, Lurdes, Evans, Manuela, Lacerda, Manuela, & Vaz Pinto, Margarida (2013). *Revisitando Paulo Freire: Sentidos na educação*. Liber Livro.
- Neruda, Pablo (1976). *Confesso que vivi: Memórias*. Publicações Europa-América.
- Núñez, Carlos (1998). *La revolución ética*. Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitário.